



Avaliação de ações de EAN na escola

PROJETO MDS/SESA/CNPq

AVALIAÇÃO DE AÇÕES DE **EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL** DA ESCOLA

COORDENAÇÃO: MARIA CLÁUDIA DA VEIGA SOARES CARVALHO

Avaliação de ações de EAN na escola

PROJETO MDS/SESAN/CNPq

AVALIAÇÃO DE AÇÕES DE **EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL** DA ESCOLA

COORDENAÇÃO: MARIA CLÁUDIA DA VEIGA SOARES CARVALHO

Esta apostila foi elaborada pelo Ministério do Desenvolvimento Social, pela Secretaria de Segurança Alimentar e Nutricional e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico durante o projeto “Avaliação de ações de Educação Alimentar e Nutricional na escola”. O objetivo é que ela seja publicada em redes virtuais e sítios institucionais com livre acesso para reprodução, desde que sempre sejam dados os créditos em forma de citação.

Carvalho, Maria Cláudia da Veiga Soares; Prado, Shirley Donizete; Moreira, Vanessa Nascimento; Nascimento, Marina N. da C.; Barbosa, Maria Irene de Castro; Brito, Catarina Barbosa; Fernandes, Juliana Milczanowski; Estrella, Thais Barreto; Ferrer, Roberta de Cássia O.

Diagramação e ilustração: Gabriel Sperandio

Revisão: Dayse Tavares, Fabiana Botelho e Gisele Schmidt

Bolsista de programação visual: Jonathan Machado

Avaliação de ações de Educação Alimentar e Nutricional / EAN na escola.

Produção bibliográfica digital livre acesso do Laboratório Digital de Educação Alimentar LADIG'E do Instituto de Nutrição Josué de Castro / UFRJ para o Projeto Projeto MDS/SESAN/CNPq: avaliação de ações de educação alimentar e nutricional na escola, 2016.



Quem fez...



Maria Cláudia da V. S. Carvalho

[http://lattes.cnpq.br/
0748450712768416](http://lattes.cnpq.br/0748450712768416)



Shirley Donizete Prado

[http://lattes.cnpq.br/
6325296604796922](http://lattes.cnpq.br/6325296604796922)



Vanessa Nascimento Moreira

[http://lattes.cnpq.br/
1533634938940239](http://lattes.cnpq.br/1533634938940239)



Marina N. da C. Nascimento

[http://lattes.cnpq.br/
2775571006377874](http://lattes.cnpq.br/2775571006377874)



Maria Irene de Castro Barbosa

[http://lattes.cnpq.br/
4857656304595117](http://lattes.cnpq.br/4857656304595117)



Catarina Barbosa Brito

[http://lattes.cnpq.br/
1285807615458808](http://lattes.cnpq.br/1285807615458808)



Juliana Milczanowski Fernandes

[http://lattes.cnpq.br/
4802615395309768](http://lattes.cnpq.br/4802615395309768)



Thais Barreto Estrella

[http://lattes.cnpq.br/
3767449466841861](http://lattes.cnpq.br/3767449466841861)



Roberta de Cássia O. Ferrer

[http://lattes.cnpq.br/
6714135874621698](http://lattes.cnpq.br/6714135874621698)

Sumário

1- Apresentação	5
O projeto no edital MDS/SESAN/CNPq	6
O que é produzido pela ação educativa reafirma um modo de educar	7
2- Qual a melhor política pública a seguir?	8
Solidariedade faz bem para a saúde...	9
3- O que queremos dizer com A-VA-LI-AR ações de EAN?	10
4- Quando avaliar: durante ou no final das ações?	12
E o que é essa tal avaliação formativa?	13
5- Os critérios da avaliação são parte do plano	15
6- Redigindo uma avaliação	17
Reforçar o lado humano da avaliação...	17
Apresentar referencial teórico para sustentação dos argumentos	18
Indicar a perspectiva do que se considera 'certo'	19
Acompanhamento e avaliação	20
7- Considerações finais	22

1 Apresentação

Coube a essa nossa equipe-2016 a prazerosa e complexa tarefa de apresentar o projeto e os seus produtos, frutos da experiência de um grupo de práticas de Educação Alimentar e Nutricional (EAN) na busca pela construção de um Laboratório Digital de Educação Alimentar (LADIG'E-INJC/UFRJ) – um compromisso de compartilhar reflexões e discussões sobre EAN em redes sociais com acesso livre. Uma EAN investida de trajetórias, cujo resultado precisa ser avaliado no contexto social e político do processo educativo.



Nossa primeira jornada foi pensar a avaliação de ações de EAN. Ficou claro que para avaliar é preciso compartilhar saberes, cumprindo as regras do jogo simbólico em relação ao que é certo, mas sem perder o espírito revolucionário, que busca transformar a imagem de perfeição ou de um final feliz em cotidiano – deixemos os príncipes e princesas em paz em seus castelos medievais europeus. Aqui, tentamos apresentar uma concepção de avaliação que seja útil pra você na prática educativa.

Avaliar uma prática de EAN é um desafio de interpretação! Precisamos avaliar a todo momento, mas muitas vezes isso nos parece uma questão nebulosa e perigosa... algo que nos causa um certo desconforto quando dá uma impressão de acusação. Esta apostila se propõe a conhecer mais profunda-

mente como podemos avaliar ações de EAN para adequar e aumentar as possibilidades do direito de comer bem e da convivência social, por isso precisamos visitar alguns teóricos que nos auxiliam a pensar sobre tantas coisas difíceis de avaliar.

Por exemplo, o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) em seu enfrentamento às desigualdades sociais perversas. As ações de EAN se articulam com os princípios de Segurança Alimentar e Nutricional e de Promoção de Saúde no controle dos problemas alimentares e nutricionais, assim considerados no contexto atual de Saúde Pública. O processo de avaliação segue regras, que, numa perspectiva de Bourdieu (1997), são parte de um tabuleiro de xadrez, mas onde as próprias regras são colocadas em jogo e se transformam. Nesse sentido, os saberes não são estáticos e mudam de valor.

Avaliar uma ação educativa reafirma um modo de trocar saberes, um modo de pronunciar 'julgamentos' e definir o que estamos denominando 'bom' em práticas de EAN. Segundo Bakhtin (1992), o processo de compreensão só é possível na interação entre as pessoas. Esta é a maneira que as coisas passam a fazer sentido: na relação com o outro. Esta apostila propõe formas de pensar e agir na avaliação, abrindo mão de um julgamento definitivo, apostando no futuro que podemos construir depois que entendemos o presente.

As concepções de alimentação saudável mudam também e nem sempre essa mudança acontece individualmente, mas ocorre certamente com uma 'permissão' coletiva, na cultura local. A percepção de bom e ruim é definida na aceitação de novas regras sobre o comer e novas comidas nas experiên-

cias cotidianas. A prática educativa é um espaço de trocas de saberes e gostos que se comunicam: o que é bom pra uns pode convencer outros e se tornar bom para muitos. Esse ‘toma lá, dá cá’ é o que nos propomos a avaliar.

Uma boa troca demanda uma orientação prévia sobre o que será avaliado, um acordo de cavalheiros entre as partes sobre: quando vamos considerar que alcançamos a meta educativa que está sendo proposta? O que se entende por um bom resultado de EAN nessa prática, nesse contexto? Apresentar as ferramentas é um modo de entrar em um acordo sobre o que queremos alcançar, evitando que a avaliação fique parecida com uma imposição ou exclusão social.

Atribuir um valor positivo a uma prática educativa é uma forma de nos posicionarmos diante de seus resultados. É preciso olhar e ver algo que possa ter continuidade, agrupando interesses e

aproximando as pessoas, em vez de ver somente coisas negativas, uma forma de exclusão, por isso vale trocar. Pretendemos compartilhar o que reconhecemos como ‘educativo’ e para isso usamos conceitos e termos que funcionam como pilares. O campo de trabalho foi o cotidiano da escola pública com ensino de qualidade para jovens de 10 a 16 anos, de onde foram retirados exemplos de avaliação na última sessão sobre como redigir um texto de avaliação.

Assim, o objetivo desta apostila é analisar a construção de parâmetros de comer bem e seus possíveis julgamentos no contexto social orientado por políticas públicas, porque ‘um coletivo organizado pode mais’.

Esperamos que você, leitor, experimente novas avaliações de EAN criativas em prol do coletivo... A solidariedade faz bem demais.

O projeto no edital MDS/ESAN/CNPq



Mão da Juliana com uma flor de maçã da Oficina de Comidaria

Essa chamada pública possibilitou diversos trabalhos de EAN espalhados pelo Brasil, o que já é, por si só, um importante dispositivo motivador para trabalhos educativos no campo da alimentação e nutrição. São suportes como esse que nos auxiliam na construção de uma EAN socializada pelo território nacional. Com esse incentivo, desenvolvemos dissertação de mestrado acadêmico (NASCIMENTO, 2016), o projeto de extensão universitária, com contribuições no serviço de alimentação da escola, iniciamos de um grupo de trabalho de EAN digital no INJC/UFRJ e também

realizamos reuniões nacionais e internacionais para discutir essa temática entre autores e idealizadores de novas propostas educativas para alimentação de outras áreas, como comunicação social, psicologia, educação, sociologia e antropologia, por meio da Rede NAUS – NECTAR / UERJ.

O objetivo desse projeto foi analisar a construção de parâmetros que permitem pronunciar julgamentos, indicando a qualidade do que é produzido em práticas de EAN.

O campo de trabalho foi o cotidiano da escola, códigos de identidade cultural local, próprios do contexto social.

O campo de prática foi o Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), onde foram desenvolvidas atividades em três vertentes: Dietética, com oficinas culinárias e semanais de EAN denominadas “Oficina de Comidaria”, com alunos do 2º segmento fundamental; Comunicação, com a construção de um ‘Caderno Comidaria’ no jornal do grêmio estudantil, e uma página em rede social para interação com alunos público-alvo do projeto e algumas oficinas com os funcionários do CAp-UERJ; e Política com negociações com a cantina da escola para incluir frutas para venda regular.

A dimensão inicial desse trabalho envolveu uma escola com um total de 221 funcionários, sendo 152 professores – 8 contratados, e 69 técnicos e um total de 1080 alunos com a oficina culinária 'Oficina de Comidaria'. Hoje ele envolve também o CAp-UFRJ e o Colégio Pedro II, além do sistema de alimentação da UFRJ e da Associação de Nutricionistas do Rio de Janeiro (ANERJ), com desdobramento dessas discussões e práticas em redes virtuais e cursos de graduação de Nutrição.

O que é produzido pela ação educativa reafirma um modo de educar

Quando repetimos o mesmo modo, não trocamos, não criamos... Em que estamos nos baseando para agir da mesma forma sempre? Trocar saberes é tomar um caminho de observação do que foi feito, aplicando no contexto atual o questionamento sobre se vai ficar melhor em um futuro próximo, apostando na criatividade e competência para...

...ver saídas!!!



Bolinho de cacau e banana com casca na forminha de festa feito na Oficina de Comidaria

SAIBA MAIS:

<http://ru.ufrj.br>

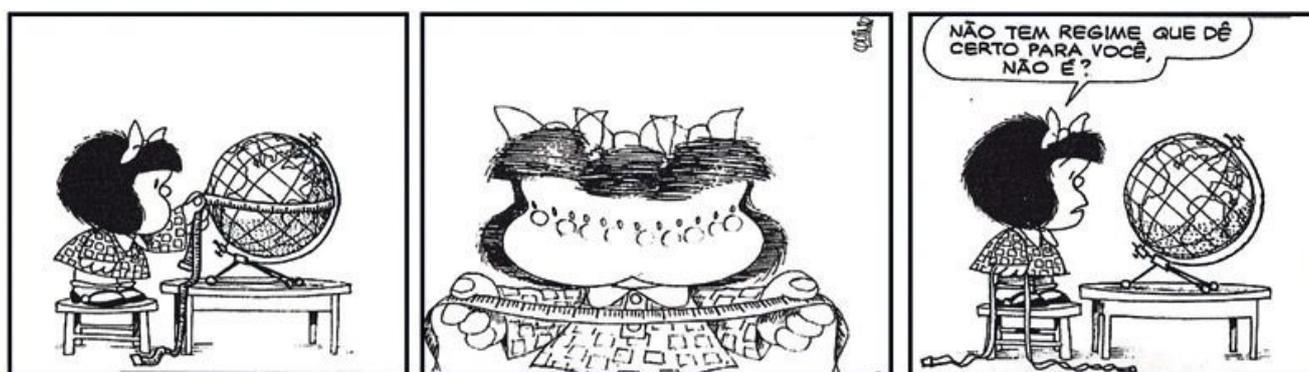
<http://nutricao.ufrj.br>

<http://nectar-pesquisa.com.br/site/index.php/nucleo/o-nectar>

<http://www.ideiasnamesa.unb.br>

<https://anerj.com.br>

2 Qual a melhor política pública a seguir?



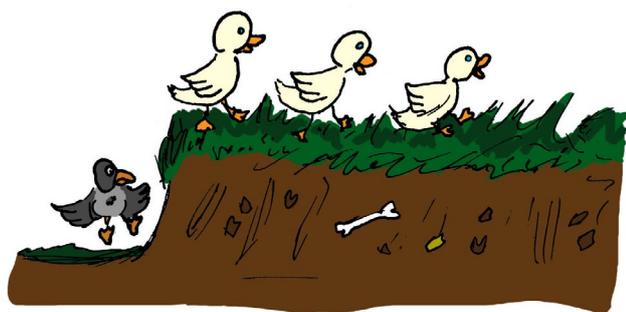
Mafalda, de Quino

Seguramente, o ‘regime de governo’ de que fala Mafalda aqui, no Brasil também não dá oportunidade a todos... Mas não podemos desistir. É preciso **dialogar** com o que pode dar certo na prática... As políticas públicas são documentos oficiais referenciais para as práticas de alimentação, tentam orientar o melhor a fazer. Embora operem principalmente como paliativos na desigualdade social, é preciso investir nelas, porque são o melhor que temos institucionalmente no espaço público e coletivo do

país — não temos conseguido políticas sociais com mudanças efetivas, mas temos conseguido mudanças, mesmo que pequeninas...

O dismantelamento do setor público tem sido progressivo e os serviços que antes eram gratuitos e de qualidade, como a educação e a saúde, cada vez nos custam mais caros em todos os sentidos, financeiro, humano e ambiental, na privatização do Estado.

Portanto, não se pode perder a memória de um modo de vida que já foi mais favorável à instituição pública de escolas de qualidade, nem perder a esperança... O importante é ADAPTAR as Políticas Públicas que temos à prática cotidiana, e não tomá-las como “lei”. De acordo com Marina, sobre o Marco de EAN (NASCIMENTO, 2016), devemos tomá-las como um agente público com quem conversar, analisando criticamente suas diretrizes para usá-las como bússola...



Diretriz	Descrição sucinta
Sustentabilidade	Entendida em uma perspectiva que não se limita à dimensão ambiental, mas estende-se às relações humanas, sociais e econômicas estabelecidas em todas as etapas do sistema alimentar
Integralidade	Percebida como todas as dimensões do sistema alimentar que compreende várias etapas, desde o acesso à terra até a destinação de resíduos
Diversidade	Entendida como o respeito e a valorização da diversidade da cultura alimentar
Vínculo	Quando a alimentação “envolve diferentes aspectos que manifestam valores culturais, sociais, afetivos e sensoriais”
Autonomia	Tem como foco “apoiar as pessoas para que se tornem agentes produtores sociais de sua saúde, (...) e para que adotem, mudem e mantenham comportamentos que contribuam para a sua saúde”
Permanência e continuidade	EAN deve estar presente ao longo da vida, desde a infância até a idade adulta
Sistêmica	As estratégias de EAN coordenadas, harmônicas e sistêmicas devem estar “disponíveis nos mais diversos espaços sociais para os diferentes grupos populacionais”
Intersetorialidade	Compreendida como “uma articulação dos distintos setores governamentais, de forma que se corresponsabilizem pela garantia da alimentação adequada e saudável”
Planejamento, Avaliação e Monitoramento	Desde a construção de diagnóstico e identificação de prioridades até definição de indicadores de processo e resultados

http://www.ideiasnamesa.unb.br/files/marco_EAN_visualizacao.pdf

Solidariedade faz bem para a saúde...



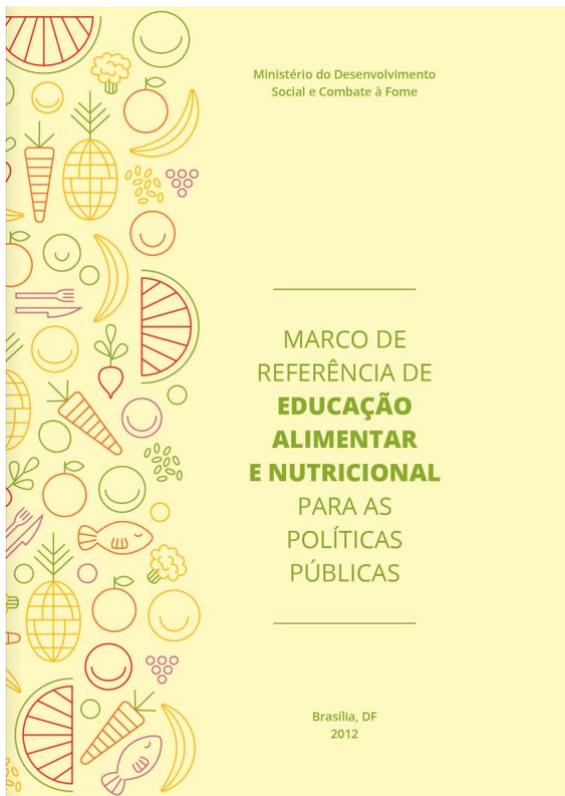
Muitas vezes o profissional de saúde conta somente com a comunidade para planejar a atividade educativa. Geralmente, não tem apoio algum. Por isso é importante evidenciar que sempre devemos tentar, mesmo que pareça impossível executar, ainda assim precisamos exercitar o pensamento e planejar. Isso faz um bem enorme para a saúde.

*“Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é realidade”
(Prelúdio - Raul Seixas)*

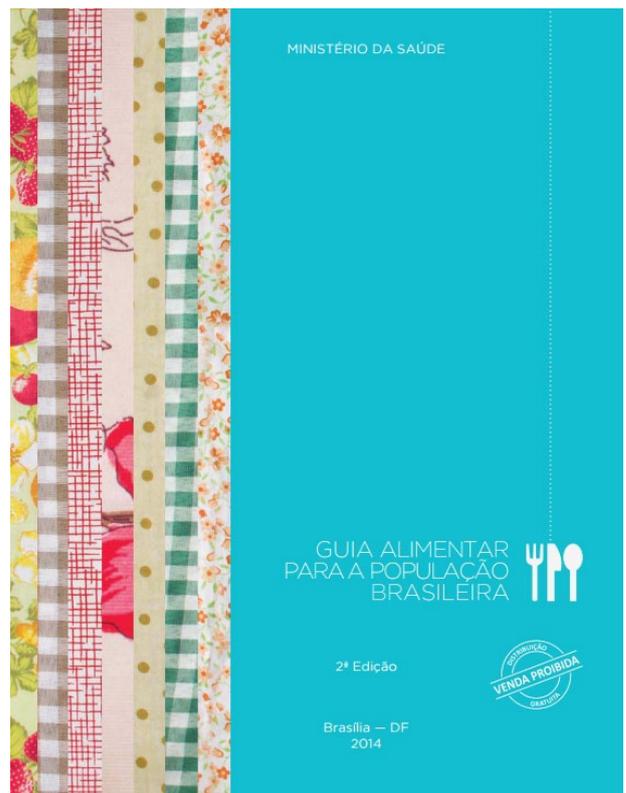
Então, sonhe, voe alto, mas não perca o chão – se ligue na realidade e no contexto político. A EAN está

direcionada por documentos para uma perspectiva da educação popular cunhada no pensamento de Paulo Freire, com ênfase no DIÁLOGO – a gente troca saberes com as políticas quando traz as possibilidades do papel para o contexto social. A essência da educação libertadora é dialogar, ouvir diversas vozes, mesmo que uma voz dominante possa, em algumas situações, parecer a única... Apure a escuta também de outras vozes silenciadas...

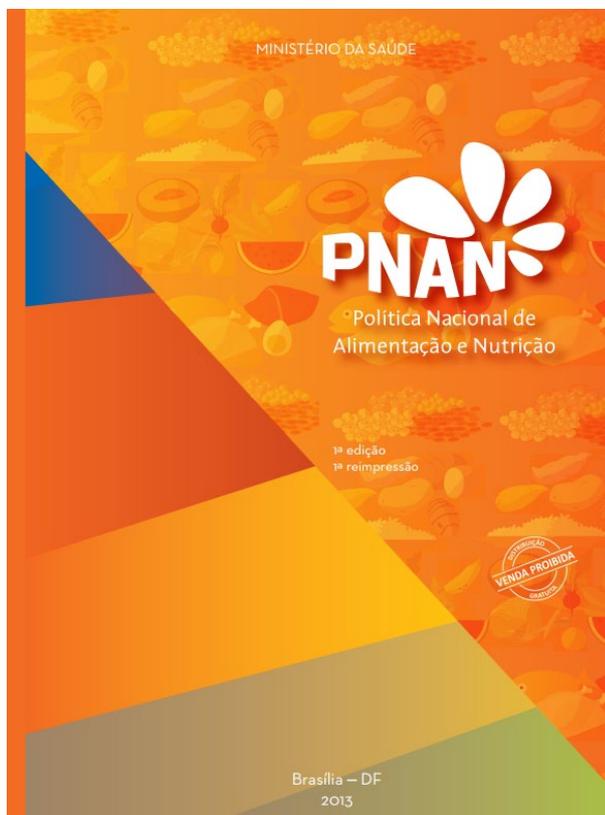
O Marco de EAN e as políticas de alimentação podem ajudar se você fizer uma leitura atenta com um olhar crítico: a melhor orientação política é a que conseguimos aplicar na prática, na cultura local, com ganhos coletivos para todos os envolvidos.



<http://bit.ly/2dNsB89>



<http://bit.ly/1EivId0>



<http://bit.ly/2dmzktW>



<http://bit.ly/2dMgHit>

3 O que queremos dizer com A-VA-LI-AR ações de EAN?



Calvin e Haroldo, de Bill Watterson

É pensar criticamente sobre o **processo educativo** como uma forma de qualificar uma ação de EAN, identificando pontos favoráveis e desfavoráveis e visando orientar um projeto futuro de alimentação e convívio social.

É **acreditar** em valores sociais que impliquem mais do que controlar o que comer e ficar examinando se seguimos as regras direitinho. O processo educativo reafirma valores de comer bem, por isso é preciso ficar claro aonde queremos chegar com isso.

Avaliar envolve a diversidade da alimentação saudável; é **explicar** e deixar claro os critérios utilizados para classificar o que é saudável na cultura local.

Avaliar ações de EAN é **orientar** caminhos para novas ações em prol do direito de todos à alimentação de qualidade e a uma convivência cordial.

Sendo assim, precisamos considerar, na avaliação de EAN, sutilezas, possibilidades e limitações das pessoas no contexto onde se dá a ação, compreender a própria concepção de qualidade na cultura local para observar o que seria uma boa alimentação e se os objetivos foram alcançados. Perguntamos: a implementação do processo satisfaz às expectativas dos organizadores e das diversas pessoas envolvidas? Se a resposta se resumir a “curti” ou “não curti”, será simples demais...

É preciso ir além...



4 Quando avaliar: durante ou no final das ações?

Existem diferentes formas de se avaliar ações educativas em EAN. Nesta apostila, optamos por enfatizar duas estratégias: a **formativa** e a **somativa**. A intenção é principalmente pedagógica.

Começaremos pensando de trás para frente: a avaliação somativa acontece no final da ação manifesta-se na forma mais convencional de planejamento de EAN.

“É aquela realizada quando as ações já terminaram. Desta forma, os resultados apresentados avaliarão a atividade em si, elencando ‘o que foi feito?’, ‘qual era o objetivo da atividade?’, ‘quais eram as expectativas de aprendizagem?’. Não se considera então o decorrer do processo! O resultado das ações se restringirá ao ponto de chegada, somando tudo que foi realizado.”

(CARVALHO, 2014).



Fonte: www.amarildo.com.br

Um exemplo de problema desse tipo de avaliação é quando se aplica uma dinâmica com um grupo de alunos e tem-se como meta 100% dos acertos referentes aos pré-testes e pós-testes aplicados. O número de acertos é classificatório e gera um ranqueamento que pode causar discriminação e insatisfação. É o que acontece quando se elabora uma avaliação com a finalidade de premiar os alunos. Nesse caso, há uma preocupação com os ganhos, mas não se dá importância ao processo.

E o que é essa tal avaliação formativa?

“É capaz de aprofundar a reflexão sobre o processo de desenvolvimento de ações de EAN: desde o diagnóstico até a execução da atividade. É uma avaliação processual, onde se executa as ações percebendo a evolução dos alunos.”

(CARVALHO, 2014)

Essa avaliação possibilita rever estratégias metodológicas, materiais pedagógicos empregados, aspectos subjetivos (sociais, econômicos, culturais, psicológicos...) demandados para atingir os objetivos da aprendizagem. Em vez de haver apenas foco nos alunos que atingem as metas como planejado, presta-se atenção também nos alunos que destoam.

A função dessa avaliação formativa é melhorar o tratamento desigual para os que estão em desvantagens. Então, leva-se em consideração a heterogeneidade do grupo com o qual se trabalha, permitindo um diagnóstico contínuo e dinâmico. É um instrumento fundamental para repensar e reformular métodos, estratégias de ensino, rever os conteúdos, os planejamentos, os procedimentos pensados durante o percurso.

São o contexto social, o projeto de sociedade e os objetivos que definem a melhor avaliação, tendo como objetivo a construção de uma sociedade mais inclusiva e democrática.



Pessoas diferentes têm necessidades diferentes.

No contexto da EAN, com a transversalidade do tema alimentação, repleto de individualidades e experiências diversas, apostamos mais na utilização da avaliação formativa.

Avaliar estando ainda no processo possibilita mudanças e melhorias de acordo com as necessidades de todos os envolvidos, em especial da população-alvo.

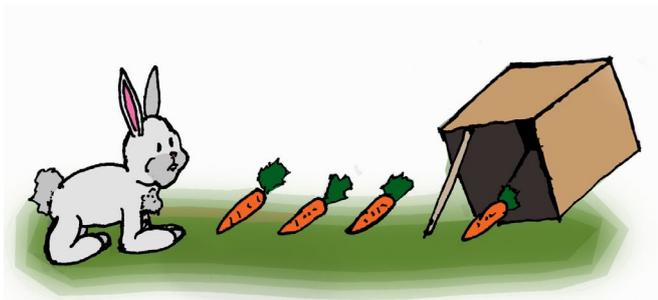
Você pode estar se perguntando: quando devo começar a avaliar minha ação? A avaliação começa no planejamento, pois avaliar processos e resultados está estreitamente ligado à formulação de objetivos: para que os objetivos e, para que estes sejam alcançados, terão de ser avaliados.

Nessa etapa inicial de planejamento, com um olhar crítico, pode-se pensar nos critérios de avaliação possíveis, nos parâmetros, em como nomear e classificar o resultado almejado/previsto para a ação, sem abrir mão de todos os condicionantes de determinada prática em um contexto.

Cabe aqui destacar que não se busca um resultado engessado, que só possa ter duas alternativas: certo ou errado. A qualidade de

uma ação de EAN deve ser flexível. Ela pode estar associada ao produto e também ao processo e esses dois aspectos podem caminhar juntos na determinação da qualidade de uma ação educativa. Precisamos ter em mente que o conceito de qualidade varia de acordo com o tempo, o espaço e as pessoas envolvidas na prática.

Durante a ação propriamente dita, a avaliação formativa auxilia o educador a entender o que pode ser melhorado e ajustado, se necessário, para favorecer a aprendizagem. Isso pode ser feito, por exemplo, construindo materiais e técnicas de ensino para redimensionar as possibilidades da ação. Na avaliação formativa, os objetivos podem ser revisados de modo a favorecer o caminho que se pretende seguir.

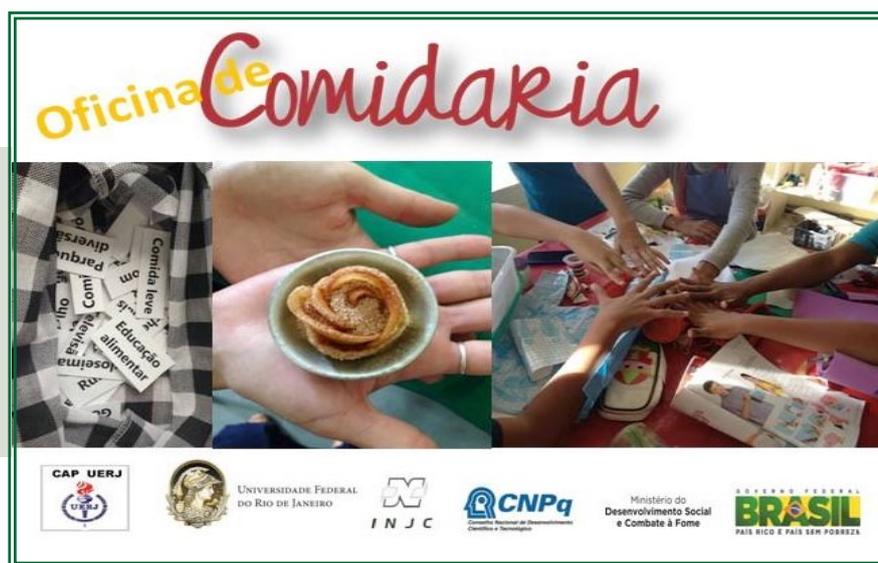


Se você detectou que as etapas te levam a um resultado inoportuno, por que insistir?

***Avalie e mude!
Este é o momento.***

Vimos aqui que tanto a avaliação **formativa** quanto a **somativa** podem ser utilizadas para avaliar as práticas de EAN. por meio da primeira, podemos reorientar a ação do educador para adequá-las à necessidade do público-alvo. Ao final da avaliação somativa, pode-se ter uma avaliação global de todo o processo e do fechamento da atividade, possibilitando melhorias em atividades futuras. Selecione sempre os métodos de avaliação para sua prática de EAN de acordo com o tempo disponível para análises intermediárias durante todo o processo.

Por fim planeje de acordo com a sua realidade, atualizando-se sobre a cultura local, pois o que é adequado hoje, amanhã pode não ser mais. Um olhar crítico e constante para os sujeitos e para a ação educativa fará com que todos entendam o porquê de se estar discutindo Educação Alimentar e Nutricional.



 **Quer saber mais? Acesse: fb.com/oficinadecomidaria**

5 Os critérios da avaliação são parte do plano

Algumas sugestões de verbos que você pode utilizar para, junto com seu grupo, redigir os objetivos do plano de ação educativa são:

avaliar, formular, agrupar, converter, analisar, estudar, incrementar, praticar, promover, reconhecer, identificar, aplicar, apresentar, registrar, relacionar, demonstrar, assinalar, descrever, desenhar, localizar, determinar, resumir, caracterizar, discriminar, reunir, elaborar, coletar, sintetizar, enumerar, esboçar, organizar, comparar, esquematizar, tabular, estabelecer, planejar, compor, pontuar, construir, extrair, reagrupar, capacitar, entender, adaptar, desenvolver, implantar, realizar, diagnosticar...

O planejamento de EAN se inicia com um processo de análise do território (diagnóstico educativo). Neste primeiro momento são identificadas as prioridades e principais metas que serão os objetivos e definirão estratégias, ferramentas, custos e recursos necessários. O plano definirá como poderemos fazer para avaliar se as metas foram alcançadas, quais os principais ganhos, e quais os ganhos primários e secundários e as dificuldades na prática.

Os critérios estão diretamente ligados ao objeto da ação: “O que se quer?” ou “O que se pretende?”. Por exemplo, os alunos devem saber/vivenciar, até o final da ação de EAN, uma culinária prática com utilização integral de alimentos. Então o objeto é a culinária prática e o critério será formulado como um indicador desse objeto. Como você saberá que a ação desenvolveu nos alunos algum saber? Que parâmetros sua equipe pode usar para identificar esse saber apreendido por eles? O critério é algo simples, mas deve ser claro e fazer sentido. Deve considerar os símbolos, crenças e gostos da vida cotidiana, incluindo a ressignificação de políticas públicas,

que são disseminadas pelas mídias e fazem parte do cenário de algum modo.

Os critérios de avaliação devem ser consensuados pela equipe e reconhecidos pela população-alvo para que a avaliação não se torne imperativa.

O que vai ser avaliado na ação de EAN (objeto da ação) deve ficar claro antes de definirmos os parâmetros e instrumentos. Os critérios podem se orientar objetivamente com formas mais palpáveis e verificáveis, formas que demandam menos argumentos e explicações. Por exemplo, se o objeto for a aprendizagem, abaixo alguns exemplos de critérios que podem avaliar atitudes objetivas relacionadas:

- empenho na aprendizagem;
- participação nas tarefas;
- cumprimento das tarefas;
- participação nos espaços pedagógicos de forma construtiva e organizada;
- sentido de responsabilidade;
- respeito aos outros;
- capacidade de autoavaliação;
- uso adequado do material e utensílios;
- assiduidade e pontualidade.

Em relação à postura de estudante, neste exemplo abaixo, foi construído um questionário para os alunos como adaptação ao modo como alguns professores avaliam os estudantes na escola do projeto:

NOME:
Chega à copa sem correria para pegar o avental e o crachá?
Espera os monitores e professores explicarem a atividade do dia antes de começar a fazer as coisas?
Aguarda sua vez de falar e não fala ao mesmo tempo em que o colega?
Você dá sugestões para a oficina melhorar?
Você ajuda na arrumação das coisas quando a oficina acaba? (Dobra avental, lava coisas e joga o lixo fora?)
Participa de todas as atividades que são propostas com boa vontade?
Trata as pessoas da oficina com respeito e consideração?
Você elabora as receitas sem fazer bagunça com os utensílios?
Você lava as mãos antes de comer e, quando lava, espera a sua vez?
Você colabora com os colegas na elaboração das receitas?

Os critérios podem se orientar subjetivamente por aspectos ligados aos sujeitos, como autonomia e criatividade, ou capacidade de cons-

truir estratégias de sobrevivência ou de geração de renda e seguir o que foi construído como um objetivo. Nesse caso é preciso explicar o que será considerado ação com autonomia, assim como é preciso esclarecer o que será compreendido como ação criativa. Se o objetivo é promover/motivar/estimular a construção de subjetividades, nossa sugestão é que você seja bem específico, acrescentando qualidades a fim de fazer avaliações, e construa questões, como por exemplo:

Respeito aos direitos dos outros – Os sujeitos-alvo da ação educativa se colocam no lugar dos outros? Ou discriminam o que é diferente como algo de menor valor? Admitem o DHAA como um direito importante consideram que todos tenham o mesmo direito?

Criatividade em relação ao princípio de sustentabilidade – Conseguem inventar novas formas de utilizar os alimentos, desenvolvendo estratégias de aproveitamento?

Resiliência em relação a uma deformação decorrida da alimentação – Conseguem construir novas formas de convivência e se adaptar à má sorte e/ou problemas alimentares?

Autonomia na escolha alimentar – Posicionam-se no grupo em relação a fazer e/ou provar novas comidas? Assumem uma opinião em situações conflituosas de alimentação?

6 Redigindo uma avaliação

Os instrumentos de apoio à avaliação de EAN podem ser construídos de acordo com o que se tem disponível na prática, mas nunca temos tudo de que precisamos inteiramente em nossas mãos. Neste projeto estamos apostando em materiais digitais por serem de menor custo e grande alcance em nosso mundo contemporâneo.

Durante a avaliação, é importante fazer um arranjo de informações e dados sobre a ação de EAN que ajude

a entender sua efetividade: quais as informações mais representativas que conseguimos recolher como indicadores? As falas das pessoas conferem com a realidade que conseguimos ver? Algumas vezes as pessoas querem nos agradar para fazermos a ação novamente. Outras vezes não querem ser perturbadas novamente, querem afirmar que foi bom para elas a fim de se verem livres. De que forma esses dados, ou indicadores, podem ser interpretados?

Fugir dos extremos fatalistas

Fatalista é aquela análise que defende verdades absolutas, as quais parecem intransponíveis como situações-limite que nos condenam a repetir as mesmas tarefas sem esperança e vigor: “O governo sempre será corrupto”; “tudo o que é bom engorda”. Esse padrão “8 ou 80” diminui a potência de ação. Seja boa, ou seja ruim, uma prática educativa deve ser útil para planejar uma próxima ação. Entendemos muito mais os nossos erros quando os compreendemos, os dimensionamos e comparamos. É importante escapar dos extremos e aproximar-se do cotidiano para entender o que mudar na continuidade do processo educativo.

Então uma boa avaliação precisa detalhar o que é o “bem” com clareza, dando suporte para avançarmos, afinal temos muito por fazer em nosso país em termos de EAN e não podemos parar o processo diante de um resultado positivo nem de um negativo.

Uma avaliação pode manter um aspecto quantitativo de acordo com seus objetivos pré-definidos no planejamento, mas não deve se dissociar totalmente de um aspecto qualitativo. Pois, por mais que o projeto de EAN busque somente dados quantitativos, ele orienta populações e sofre influências ambientais e políticas que devem ser registradas, o que se caracteriza como aspectos qualitativos.

Segundo o Ministério da Saúde, a avaliação de uma ação educativa em saúde pode ser quantitativa e qualitativa. Alguns dos aspectos mais comuns a cada uma são expostos na tabela a seguir:

ASPECTOS DE AVALIAÇÃO	
QUANTITATIVA	QUALITATIVA
Perguntas objetivas	Perguntas subjetivas
Questionário	Falas e impressões
Aspecto classificatório	Aspecto reflexivo

Tabela montada para esta apostila.

Reforçar o lado humano da avaliação...

Quando avaliamos, reproduzimos valores e juízos que interferem na esperança das pessoas. Pense em reforçar o lado afetivo para não cair na educação bancária (FREIRE, 2015); uma educação não pode nos escravizar com os nutrientes – se a comida tem vitamina, ela é boa; se não tem não é. Temos que

pensar no coletivo, nos direitos de todos, não ficarmos aprisionados na composição nutricional dos alimentos. Não vivemos sós e não podemos ser neutros, é preciso sair da cartilha do ‘be-a-bá’ para nos sensibilizarmos com os problemas ecológicos.



Bichinhos de Jardim, Clara Gomes, 2010

Podemos nos fazer perguntas sobre as relações sociais de esperança e solidariedade para detalhar resultados: como foi a interação entre as pessoas na prática? A ferramenta de comunicação permitiu que todos falassem algo sobre si? Havia espaço para troca de saberes sem constrangimento? O conteúdo que se pretendia ensinar foi, de fato, útil e aplicável à realidade local em termos agroecológicos?

Se nos propomos a fazer uma boa avaliação, precisamos olhar os impactos nas mudanças sociais ao longo do tempo. Então temos que agir como educadores, compreendendo o coletivo e seu contexto

na hora de avaliar. E avaliar resultados significa também avaliar o profissional que desempenha o papel de educador: como a equipe de EAN interagiu durante a atividade? Como a população enxergou ‘seus educadores’? Um resultado sem contexto nem porquê fica sem sentido, e nessa condição se torna um informativo, que pode ser muito útil, mas é frio de motivação e afetos.

DICA:

Um bom referencial teórico ajuda muito a legitimar um ponto de vista!

Apresentar referencial teórico para sustentação dos argumentos

A maioria dos cursos de ensino superior em saúde, especificamente o de nutrição, ainda faz uma articulação tímida de conhecimento de EAN com sociologia, comunicação, educação, antropologia da alimentação, ética e filosofia. O profissional que vai para a prática sem uma boa leitura de autores desses outros campos, que já pensaram muito a sociedade e a vida do homem, fica solto, sem raízes, e deixa a avaliação exposta à própria sorte, sem densidade.

Se entendemos que não há como a prática se desligar da teoria, então temos que identificar o modo de pensar que nos fundamenta o olhar para a

prática de EAN que realizamos. Nesse sentido, de se encontrar, é importante entrar em contato com as teorias, ou parte delas, de modo a identificar a origem, a base dos argumentos que dão forma à problematização – os autores funcionam como filiação, ajudam a tornar nosso posicionamento familiar, mais claro e acessível.

Desprezar o pensamento de certos autores é negligenciar aspectos importantes da trajetória histórica em que a avaliação se insere. Muitas vezes subestimamos aspectos subjetivos da avaliação por não sabermos explicá-los, por um desconforto inicial de não saber lidar com eles, o que pode ser resolvido com a ajuda de pensadores e de refe-

rencial teórico que forneçam confiança para redigir algo mais pessoal, com mais segurança, a fim de se expor mais e avançar em suas hipóteses. Procure entender qual autor, ou obra, aju-

dou você a entender o que se passou na prática, ou, quem e em que texto você pode contar pra explicar sua opinião.

Exemplificando...



www.humorcomciencia.com

Elaborando uma hipótese a partir da tirinha, vamos considerar que essa conversa se deu após uma prática de educação alimentar e nutricional em que o objetivo era compreender o conceito de pirâmide alimentar.

Resultado possível e previsível: o idoso não aprendeu o conceito de pirâmide alimentar.

Sugerimos uma nova perspectiva de avaliação, por meio da análise da conduta do nutricionista-educador. Ele conheceu de fato o seu público-alvo e o contexto social em que está inserido? Usou dos recursos pedagógicos adequados? Romulo se preocupou apenas com o que ele espera do idoso em vez do que o idoso precisa? A forma de dialogar foi compreendida?

Resultado proposto: de acordo com o objetivo traçado, o idoso teve outra interpretação da pirâmide alimentar. Com isso vemos a necessidade de rever a metodologia pedagógica utilizada, bem como o planejamento.

Indicar a perspectiva do que se considera 'certo'

Se está certo ou errado, vai depender de onde você está olhando. Assim, é honesto apresentar a sua perspectiva: qual padrão você está seguindo? Em que ideia (de quais) autores você se baseou? Qual o significado para você e sua equipe de uma boa alimentação?

Resultado alcançado \times resultado esperado é suficiente

Resultado alcançado \times resultado esperado + análise dos fatores de interferência

Valorize não apenas o que está em livros, publicações científicas e documentos políticos, mas o que está dentro de você e suas impressões sobre a ação de EAN. Pensou algo diferente do que todos já falaram? Não descarte – isso vai ajudar você a se posicionar

com mais autonomia. Desafie a si mesmo! Vá além da linha de chegada, sempre em frente! Observe o ambiente, problematize coisas que possam ter levado a esses resultados, compreenda e faça associações.



Alberto Montt (dosisdiarias.com), traduzido por Chongas.com.br

Acompanhamento e avaliação

Lembre-se de que um resultado pode se apresentar quantitativamente insatisfatório ou estatisticamente não significativo, mas pode conter as respostas para várias perguntas e ser útil e viável de um modo que você não conhecia: um bolo solado pode ser também um maravilhoso brownie, dependendo da perspectiva.

Uma avaliação é também um modo de acompanhar as ações. Podemos dar exemplo de materiais de controle e acompanhamento de ações de EAN construídos no decorrer desse projeto, que gerou essa apostila digital e que nos auxiliou a fazer adaptações à realidade local.



Oficina culinária: observação na preparação de lanches

Nomeamos nossas oficinas de Oficina de **Comidaria**, e a avaliação ocorreu de quatro formas com os alunos: por escrito, em questionários simples, em conversas informais de onde retirávamos falas e na observação de atitudes dos alunos (ver critérios anteriormente citados), assim como com a degustação de preparações, que foram registradas após as

oficinas, em reunião de equipe. Na degustação foi importante registrar o gosto coletivo, observando gestos, impressões e prazeres dos jovens.

As oficinas com professores e técnicos foram associadas a um modelo de roda de conversa orientada com um roteiro cujos objetos principais eram a troca de saberes e visibilidade/legitimidade do projeto de EAN.

Roteiro para oficina de professores

Iniciar a conversa, por meio de um consenso, com a coleta de informações DURANTE o preparo das receitas onde todos participaram

O que vocês acham que se aprende nesta oficina? Perder peso? Comer certo? O que seria comer certo?
Sabia que a gente faz mais coisas, além de lanche na oficina?
Você já viu o Caderno de Comidaria no jornal CAP&TAL da escola?
E sobre a cantina, você já viu que a gente inseriu vitrine para venda de frutas?
Você acha que este trabalho é construtivista e segue a linha da escola?

Degustação do lanche (pão de abobrinha, divulgado no jornal e na fanpage do projeto)

Apresentação de slides com mostra de materiais produzidos pela oficina

Você já tinha comido pão de abobrinha? Sabia que a gente fez isso na feira das profissões?
Você achou fácil fazer? Gostou do pão? Faria em casa?
Estes trabalhos de extensão ajudam no processo da escola? De que forma?
Existe algo que não foi conversado que você gostaria de falar? Alguma sugestão?

O jornal da escola e a fanpage: feedback

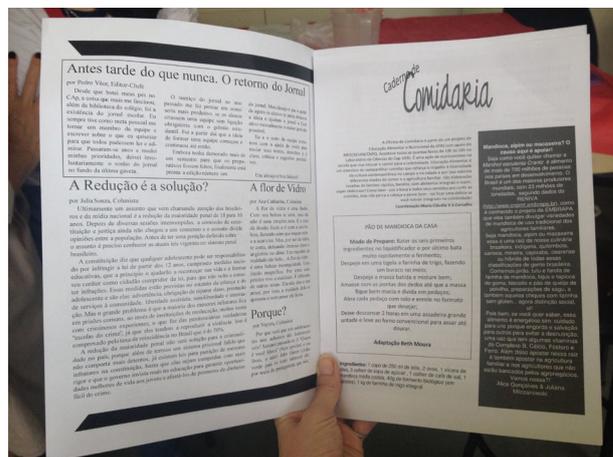
Fizemos um ‘Caderno de Comidaria’ no Jornal Cap&TAL que tinha suas edições mensais distribuídas na escola. Definimos três sessões, notícias, curiosidades científicas, receitas e entrevistas sempre em torno das Oficinas de Comidaria e suas temáticas. O feedback do grupo de alunos que editava o jornal, tanto sobre os leitores quanto sua opinião, funcionava como um termômetro para a equipe de EAN. Ao final de quatro edições foi possível analisar uma trajetória, entendendo que o espaço que o projeto de extensão ocupava no universo escolar era bem menor do que imaginávamos inicialmente.

A fanpage foi uma ferramenta ampla, de acesso aberto, que substituiu a comunicação por email – os jovens acessavam mais Facebook do que email, então as mensagens, receitas e informes eram transmitidas em uma página, ‘Oficina de Comidaria’, que também funcionava como interatividade, recebendo sugestões e contando os acessos à página, e nos informava o que eles estavam achando das atividades na escola.

Eventos escolares: uma aproximação com a comunidade

Os eventos e campanhas foram um momento de avaliação das articulações do projeto com a comunidade. Foram realizadas atividades atrativas e interativas que pudessem envolver toda a comunidade escolar e nos auxiliar a analisar o projeto na perspectiva dos profissionais da escola. A atividade “Tecendo memórias com a nutrição” foi um exemplo. Foi exposto um cesto com palavras soltas que funcionavam como desencadeadoras de lembranças alimentares, a partir das quais os participantes associavam palavras que eram costuradas por eles nesse tecido de juta.

Esse foi um momento de conversas informais, com registro de falas e opiniões de indivíduos da comunidade que se desdobrou no planejamento de uma oficina somente para os profissionais da escola. Ela teve a intenção de afinar melhor o modo de compartilhar o projeto com a comunidade escolar, uma vez que ficou claro que o projeto não tinha a visibilidade que se pretendia.



Primeira edição do Jornal Cap&TAL

Cantina escolar: uma forma de observar o consumo de lanches

Montamos prateleiras na vitrine da cantina em acordo com a empresa terceirizada que ocupava o espaço da cantina, e, em uma bandeja, junto a um quadro no qual era anunciado o preço de frutas para venda, foram apresentadas frutas embaladas uma a uma. Informamos nesse quadro a parceria entre a cantina e a ‘Oficina de Comidaria’ e observamos que o efeito foi além da nossa expectativa. A venda foi maior do que o esperado e a satisfação do cantineiro também. A avaliação era feita semanalmente com dados quantitativos da venda e qualitativos dos relatos do cantineiro sobre os acontecimentos da semana.



7 Considerações finais

Educação é um exercício de cuidado com o(s) outro(s) que demanda firmeza e ética para entender e avaliar a realidade cotidiana de nossas vidas. Na realidade, a gente não ensina o outro a comer, nem a seguir uma alimentação saudável... Não é isso que se quer avaliar - se as regras de alimentação saudável foram apreendidas em uma ação de EAN se confunde com o que está na mídia e do ambiente social que 'pactua' uma alimentação saudável na cultura local. Os meios de comunicação apresentam comidas e mensagens por toda parte e nos levam a incorporar significados de alimentação saudável sem pensar nem perceber que estamos reproduzindo essas imagens do saudável.

O importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos do que os outros fizeram de nós.

Jean-Paul Sartre

Alimentação é uma prática racional e afetiva ao mesmo tempo, que demanda uma avaliação mais próxima da vida em sociedade como ela é, menos idealizada e mais dentro de necessidades construídas no contexto social. As necessidades também mudam quando as avaliamos e compreendemos. Estamos em um momento em que a quantidade de comida já não é um impeditivo para a grande distribuição para todos, o que desloca o problema para a 'construção' de necessidades. Nesse sentido, desafiamo-nos a criticar os parâmetros e questionar os valores que nos posicionam politicamente diante da questão institucional e social da EAN: qual é o futuro que queremos? Qual o nosso alcance com a política e os equipamentos sociais vigentes?

Avaliar ações de EAN, portanto, para nós é uma discussão sobre algo útil, inevitável, que demanda uma análise politizada e contextualizada sobre o comer bem. Não somos neutros, somos a favor que todos possam trabalhar para comer bem!

Sabemos que não será o liberalismo, nem a iniciativa privada que vão se incumbir de sistematizar as divisões de trabalho, de terra ou de comida de modo fraterno e solidário, por isso não há neutralidade na discussão – há disputas que são inerentes à desigualdade social perversa com a qual temos que conviver. Nosso lugar é o da defesa das instituições com compromissos éticos e solidários para o mundo.

O ato de avaliar tem vocação para desdobrar resultados na continuidade do processo educativo, tem potência para orientar a construção de educadores em saúde, profissionais que possam fundamentar suas estratégias de acordo com um projeto futuro coletivo, em que o resultado seja qualquer espécie de efeito gerado por uma ação em prol do coletivo. O erro de estratégia pode ser uma oportunidade para fazer melhor, pois, se ele faz parte dos problemas de avaliação, faz parte também das soluções.

O processo de educação alimentar mistura a compreensão racional com a experiência do comer – uma vivência integral que envolve sensibilidades como sabor, prazer, amor, gosto, erotismo e subjetividades como confiança, dependência, solidariedade, racionalidades como economia, segurança nacional, formando uma etapa poderosa do planejamento estratégico de ações de EAN.



*Os estereótipos às vezes nos confundem e nos distanciam de uma
potência humana que pode criar boas estratégias de convivência.
De todo modo, intencionalmente ou não, quando avaliamos os
perigos na experiência, podemos nos lançar em novos desafios de
conhecimento e redimensionar nossos medos.*

Bibliografia

BAIAO, M.R. et al. Educação alimentar e nutricional no Programa Bolsa Família. 1 ed. Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2014, v.1.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia alimentar para a população brasileira. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 156 p

BRASIL. Ministério da Saúde. Universidade Federal de Minas Gerais. Instrutivo: metodologia de trabalho em grupos para ações de alimentação e nutrição na atenção básica. Universidade Federal de Minas Gerais. – Brasília: Ministério da Saúde, 2016. 168 p.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas. Brasília, DF: MDS; Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, 2012. 68 p. ISBN: 978-85-60700-59-2.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). Educação Alimentar e Nutricional: o direito humano, a alimentação adequada e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários – Caderno Teórico. Capítulo I. Disponível em http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/seguranca_alimentar/cadernoteorico_ean.pdf

CARVALHO, M.C.V.S.; RIBEIRO, M.M.C. Livro de comidaria, experiências culinárias & educativas. Curitiba: Ed. CRV, 2014.

CARVALHO, M.C.V.S. Reflexões sobre a construção de um plano de ação de EAN. In: Denise Cavalcante de Barros; Denise Oliveira; Mirian Ribeiro Baião (org.). Educação alimentar e nutricional no Programa Bolsa Família. 1ed. Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2014, v. 1, p. 96-111.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 59ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2015.

HADJI, C. A avaliação, regras do jogo. Porto: Porto Editora, 1994.

LUCKESI, C. Avaliação da aprendizagem escolar. São Paulo: Cortez, 1995.

NASCIMENTO, M.N.C. Orientações políticas de educação alimentar e nutricional: uma análise crítica do marco de referência de educação alimentar e nutricional para políticas públicas. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

tação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ/Instituto de Nutrição Josué de Castro, 2016. 137 f.

OLIVEIRA, S.I.; OLIVEIRA, K.S.N. Novas perspectivas em educação alimentar e nutricional. *Psicol. USP*; v.19, n.4, p. 495-504. 2008.

PACHECO, J. A avaliação da aprendizagem. In: ALMEIDA, J.; TAVARES, J. (org.). *Conhecer, aprender e avaliar*. Porto: Porto Editora, 1998.

SANTOS, L.A.S. Avanços e desdobramentos do marco de referência da educação alimentar e nutricional para políticas públicas no âmbito da universidade e para os aspectos culturais da alimentação. *Rev. Nutr., Campinas*, v. 26, n. 5, p. 595-600, set./out. 2013.

SCHULZ, C.M. *Snoopy: assim é a vida, Charlie Brown!* Tradução Cássia Zanon. Porto Alegre: L&PM, 2007. 136p.